

PRECURSOR DE UM MUNDO SEM SOMBRAS – O ESTILO DE HERGÉ E A ESCOLA FRANCO-BELGA DOS QUADRINHOS

Lúcio De Franciscis dos Reis Piedade Filho¹

Introdução

As origens das histórias em quadrinhos remontam à civilização europeia, onde o aparecimento das técnicas de reprodução gráfica proporcionaram a união entre texto e imagem. No século XVIII, segundo Will Eisner, os artistas que lidavam com a arte de contar histórias, destinadas ao público de massa, procuraram criar uma linguagem coesa que servisse como veículo para a expressão de uma complexidade de pensamentos, sons, ações e idéias numa disposição em seqüência, separadas por quadros.

De acordo com as pesquisadoras Maria de Fátima Hanaque Campos e Ruth Lomboglia, a ilustração atinge a imagem tão depressa quanto o livro. A imagem, por sua vez, toma certas características que influenciarão os quadrinhos, como o desenho de humor.

Entre as formas visuais criadas pela humanidade, nenhum gênero, do passado ou do presente, ultrapassou em quantidade a produção das histórias em quadrinhos. Diante disto, deparamo-nos com uma escassez de avaliação histórica, estética ou filosófica sobre as histórias em quadrinhos, tanto como arte quanto como fenômeno cultural (LUYTEN, 1985: 10).

Visando enriquecer o campo de estudos da arte gráfica, sobretudo no que diz respeito à historicidade e características de um estilo artístico peculiar, o presente trabalho propõe uma discussão acerca da relevância da obra de Hergé enquanto deflagradora da escola franco-belga dos quadrinhos. Quanto ao estilo aplicado pelo artista belga em seus desenhos, considera-se que tenha dado força, vigor e inventividade à arte gráfica europeia.

O Nascimento de Tintim

Sabe-se que no ano de 1929 o desenhista Hergé criou o principal personagem de sua carreira, e este se tornaria famoso em produções subseqüentes a partir da sua própria série de historietas. Tintim, como foi denominado, surgiu no período que se considera a “idade de ouro” dos quadrinhos. Conforme explicam Campos e Lomboglia, foi nesse momento que se estabeleceram as histórias policiais, de cavalaria, de faroeste e de ficção científica, e que apareceram os cenários exóticos e bem acabados. Viviam-se “o advento do quadrinho realista” (LUYTEN, 1985: 12), em que as formas do mesmo tomavam o neoclassicismo como fonte de inspiração.

Nesse contexto, a contribuição de Hergé para a arte gráfica reside na gênese e na consolidação de um estilo marcado pela linha clara, de traços simples e espessura regular, bem como na quase total ausência de sombras. Dessa maneira, o belga estabeleceu mudança significativa no estilo dos quadrinhos. Após breve análise biográfica do artista, objetiva-se, também, apontar os posteriores desenhistas europeus que tiveram a sua arte influenciada pela “escola franco-belga” que Tintim introduziu.

¹ Graduado em História pela Universidade do Estado de Minas Gerais, aluno do curso de especialização em Jornalismo Científico do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo – Unicamp.

Hergé, *Tintim* e suas importâncias históricas e artísticas

Segundo Hiron Cardoso Goidanich, Hergé é o nome mágico dos quadrinhos europeus, particularmente da escola franco-belga de arte gráfica. A sua importância advém da criação de Tintim, um dos personagens mais famosos do mundo dos quadrinhos.

De acordo com Álvaro de Moya, Hergé praticamente criou a profissão de desenhista na Bélgica, que passou a ser um dos mais prolíferos países na revelação de expoentes desse ofício. Por conseguinte, “este homem modesto e simples (...) era considerado o mais importante desenhista europeu de todos os tempos” (MOYA, 1993: 61). Em certa ocasião, após receber mais um de seus inúmeros prêmios internacionais em um congresso, o próprio artista declarou: “Quando criança, eu deveria me tornar um clérigo ou um fotógrafo, pois na Bélgica não existia o trabalho de desenhista” (HERGÉ apud MOYA, Idem).

Nascido Georges Rémi, o artista passou a assinar os seus desenhos com o nome Hergé a partir de 1924 – o pseudônimo adotado por ele deriva da inversão das iniciais de seu nome, foneticamente, ou seja, da maneira como se pronunciam na França. Naquele tempo, sem nunca ter feito curso de desenho, criou para os Escoteiros Católicos Belgas *Totor, La Patronilles des Hannetons*. Goidanich explica que em *Totor* podem ser identificados traços de Tintim. No ano de 1925, após deixar a escola, Hergé foi contratado pela revista *Le Vingtième Siècle*, publicação católica-direitista da Bélgica. Em 1928, após prestar serviço militar, foi nomeado editor-chefe do *Le Petit Vingtième*, suplemento semanal da publicação destinado ao público infantil. Em 10 de janeiro de 1929, o suplemento assistiria ao nascimento de Tintim.

A partir daí teriam início as aventuras do jovem repórter Tintim, que “sempre era acompanhado do seu *fox terrier* Milou” (MOYA, 1993: 62). Como lembra Álvaro de Moya, Hergé criou diversos personagens inesquecíveis para a historieta, como os irmãos gêmeos detetives Dupont e Dupond, o gênio do mal Rastapopoulos, o conspirador General Alcazar, a cantora lírica Bianca Castafiore, o irascível Capitão Haddock e o Professor Girassol.

Tintim no País dos Soviéticos (*Les Aventures de Tintin, reporter du “Petit Vingtième” au Pays des Soviets*), a primeira história da dupla formada pelo repórter e seu fiel cão, foi concebida como uma obra anticomunista. Porém, a representação da União Soviética sob a óptica da Europa capitalista gerou uma revista tão primária e reacionária que Hergé somente permitiu a sua reedição no crepúsculo de sua vida. Apesar dessas particularidades, Tintim e Milu tornaram-se ídolos das crianças belgas, fenômeno que se disseminou em países como França, Holanda, Espanha e Itália (GOIDANICH, 1990: 164). Em seguida, o sucesso da publicação levaria o personagem ao Congo Belga.

Segundo o documentário *Tintin et moi*, de Anders Østergaard, na época de *Tintim na África* (*Les Aventures de Tintin, reporter du “Petit Vingtième” au Congo*) – publicado originalmente entre junho de 1930 e junho de 1931 –, Hergé era muito influenciado por seu patrão, o abade Wallez. Admirador de Hitler e do fascismo italiano, o clérigo decidira que os jovens belgas precisavam conhecer melhor os valores do colonialismo. Dessa maneira, o desenhista foi instruído a mostrar aos seus conterrâneos como os nativos congolenses foram introduzidos à civilização. A obra, do início ao fim, superestima o colonialismo, tornando evidente a postura de desprezo de Tintim para com os nativos. Em 1946, Hergé reeditou a história, suavizando essa característica, embora ela nunca tenha desaparecido.

A terceira história, que se passaria na China, contou com a assessoria de um padre que visitara o país. Suas recomendações para o artista resumiam-se em conhecer melhor os lugares retratados antes de desenhá-los. Nesse sentido, *Lótus Azul* marca uma virada. O anúncio de que Tintim embarcaria para a Ásia trouxe uma revista com forte sátira política em que os problemas assumidos influenciariam fortemente todas as obras subseqüentes. A partir daí, Hergé dedicou-se às pesquisas de texto. Logo, a visualização dos países envolvidos nas aventuras de Tintim passou a ser realista e cuidada (MOYA, 1993: 61).

Moacy Cirne explica que não é só o texto que completa as histórias políticas. A caricatura, o *gag* visual, o aproveitamento adequado do plano e o ritmo visual também são elementos importantes para atingir os fins propostos por cada autor. Cirne completa o argumento, sugerindo que, em relação à estética dos *comics*, alguns criadores obtiveram bons resultados através da funcionalidade do ritmo visual. Inserem-se nessa categoria nomes como Burne Hogarth, com *Tarzan*, Alex Raymond, com *Flash Gordon*, Will Eisner, com *The Spirit*, Stan Lee e Jack Kirby, com o *Quarteto Fantástico* e, sem dúvida, Hergé, com *Tintim*. (CIRNE, 1972: 37)

Em seu documentário dedicado a Hergé, Anders Østergaard explica que o artista, ao longo das vinte e três revistas do jovem herói, “destilou 50 anos de política, de guerras (...). Portanto, pode-se estudar a história do século XX através de Tintim. “As histórias de Hergé mesclam aventura e humor em situações políticas contemporâneas, desenroladas em paisagens reais, com figuras coadjuvantes de primeira qualidade” (GOIDANICH, 1990: 165). Ana Dani, em colaboração para o jornal Folha de São Paulo, completa a idéia ao sugerir que Tintim, ao longo de seus álbuns, passou pela Guerra do Chaco, pela Revolução Russa, pela Guerra Fria e chegou até mesmo a antecipar a primeira viagem do homem à Lua.

Sabe-se que Hergé morreu vítima da leucemia em março de 1983, no Hospital Saint Luc, em Bruxelas. Os problemas de saúde o afligiam há anos. De acordo com Álvaro de Moya, o seu falecimento deixou não somente uma aventura incompleta de *Tintim*. Além disso, sobreviveu o legado máximo do artista belga: a criação de um estilo que marcou grande parte dos seus precursores, estabelecendo os diferenciais básicos entre os quadrinhos europeus e os norte-americanos. Hergé também deixou admiradores em todo o mundo da arte gráfica e seguidores de um estilo que deu força, vigor e inventividade aos quadrinhos em seu continente. Propõe-se, a seguir, uma análise mais detalhada sobre o estilo original que Hergé desenvolveu em seus trabalhos.

O estilo artístico de Hergé e suas contribuições

Com Tintim, grande sucesso internacional e deflagrador da “escola belga” dos quadrinhos, Hergé influenciou toda uma geração de artistas, incluindo os franceses. O estilo aplicado pelo desenhista em sua obra, como foi dito anteriormente, é marcado por traços simples, de linha clara e espessura regular, idênticos para todos os elementos do desenho. Apresenta, também, cenários em que quase não se vêem sombras. Tais características foram retrabalhadas por diversos desenhistas, que delas se apropriaram. Evidencia-se, então, a importância de *Tintim*. Segundo Álvaro de Moya, Hergé criou outras histórias, mas

Tintim é a sua grande obra. A influência do maior cartunista europeu é imensa e, graças a ele, o número de desenhistas de seu país floresceu tanto que é conhecida na Europa “a escola de Bruxelas”, marcando o renascimento dos quadrinhos europeus

após a Segunda Guerra Mundial. Emprestou o nome de seu personagem para seu amigo Michael Gregg lançar uma revista com diversos personagens belgas, ao lado de artistas como Hermann, Danny, numa revista chamada *Tintin*, mas que não publicava novas histórias do personagem (MOYA, 1993: 62).

Essa importante revista franco-belga surgiu após a Segunda Guerra Mundial, no ano de 1946, e elevou Tintim à categoria de seu principal herói, visto que o personagem de Hergé era bastante conhecido naquele momento. De acordo com a enciclopédia de quadrinhos de Lambiek, a revista para desenhos realistas da segunda metade do século XX, devidamente intitulada de *Tintin*, criou para os *comics* na Europa um público abrangente, que se estenderia dos “7 aos 77 anos” segundo o próprio subtítulo da publicação.

Nas décadas seguintes, a revista sofreu significativa expansão em termos de sucesso, tiragem e número de páginas, disseminando-se por outros países e incorporando novos artistas que tinham em Hergé a sua fonte de inspiração. Entre eles devem ser mencionados Albert Uderzo e René Goscinny, com *Oumpah-Pah le Peau-Rouge* (Umpapá, o Pele Vermelha). Mais tarde, em 1959, a dupla criaria *Asterix e Obelix*, personagens gauleses que, segundo Goidanich, chegaram a se tornar mais famosos do que Tintim, até então o grande campeão das histórias franco-belgas.

Após uma longa carreira, durante os anos 30 e 40, como tira de jornal de aventura, *Tintin* se tornou título de um longo semanário de quadrinhos de aventura, nos anos 40, onde diversos integrantes da equipe abriram espaço para mais profissionais, assim proporcionando continuidade à evolução da HQ franco-belga, junto com Spirou e outras revistas de seriados e humor (PATATI, 2006: 114).

De acordo com Paulo Ramos, os personagens dos quadrinhos podem ser desenhados de maneira realista, estilizada ou caricata, a despeito do fato de existirem graus de realismo. “O ponto que talvez seja mais relevante é que o gênero da história influencia o modelo expressivo do personagem, sendo mais ou menos realista” (RAMOS, 2009: 123). Entretanto, *As aventuras de Tintim* exemplificam o estilo esquemático, também conhecido como estilo belga de linha clara ou, simplesmente, *ligne claire*, cujo principal aspecto consiste na restrição da realidade para linhas claras e leves. Em *Tintim*, a supracitada “ausência de sombras” faz-se outra característica típica, ao lado dos traços geométricos e das proporções realistas. Além disso, nos desenhos de Hergé aparecem poucas linhas cinéticas, definidas por Juan Acevedo como aquelas que servem para indicar o movimento, ou seja, que marcam a velocidade.

Em resumo, dada a importância de Hergé na construção da denominada “escola franco-belga” dos quadrinhos, o estilo da *ligne claire* por ele desenvolvido exerceu forte influência nas obras de desenhistas posteriores e na evolução positiva da arte na Europa, com destaque para a área de expressão francesa.

O estilo de *Tintim* está presente em *Les Schtroumpfs* (1957), de autoria do belga Peyo (pseudônimo de Pierre Culliford), cujos personagens foram conhecidos popularmente como *Smurfs*. Suas tiras cômicas exibiam revoltosos duendes azuis comandados pelo ancião *Grand Schtroumpft*, o “*Papai Smurf*”. O alcance do trabalho de Hergé também é visível nos traços do igualmente belga André Franquin para o enredado e lerdo *Gaston Lagaffe* (1957). Não podem ser esquecidos *Lucky Luke*, sátira dos westerns norte-americanos protagonizada por cowboy homônimo, e o cão *Rantanplan*, que ganhou a sua própria série posteriormente, ambos criações

do desenhista Morris e do escritor René Goscinny. Outro expoente é o guerreiro gaulês *Asterix*, cujas narrativas também foram elaboradas por Goscinny, fruto de sua colaboração com o desenhista Albert Uderzo.

Referências

Bibliografia

- ACEVEDO, Juan. *Como fazer histórias em quadrinhos*. São Paulo: Global, 1990.
- CAMPOS, Maria de Fátima Hanaque, LOMBOGLIA, Ruth. HQ: uma manifestação de arte. In: LUYTEN, Sonia M. Bibe (org.). *Histórias em quadrinhos: leitura crítica*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- CIRNE, Moacy. *Bum! A explosão criativa dos quadrinhos*. Petrópolis: Editora Vozes, 1972.
- EISNER, Will. *Quadrinhos e arte seqüencial*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- GOIDANICH, Hiron Cardoso. *Enciclopédia dos quadrinhos*. Porto Alegre: L&PM, 1990.
- GUBERN, Román. *Literatura da imagem*. Rio de Janeiro: Salvat, 1979.
- MOYA, Álvaro de. *História da história em quadrinhos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.
- _____. *Shazam!* São Paulo: Perspectiva, 1977.
- PATATI, Carlos, BRAGA, Flávio. *Almanaque dos quadrinhos: 100 anos de uma mídia popular*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2009.

Filmografia

TINTIM e eu. Direção (*Tintim et moi*): Anders Østergaard. Produção: Peter Bech et al. Entrevistadores: Numa Sadoul e Karin Mørch. Entrevistados: Hergé (imagens de arquivo), Michael Farr, Harry Thompson, Andy Warhol, Fanny Rodwell. Trilha sonora: Halfdan E. e Joachim Holbek: Angel Films “Tintin et moi”, 2004. Documentário (75min), son., color.; pb.

Internet

DANI, Ana. Primeiras histórias do personagem Tintim foram criticadas. *Folha de São Paulo*, São Paulo, dez. 2006. Acesso: 27 dez. 2006. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u67188.shtml>.

Hergé – Lambiek Comicipedia. Disponível em: <http://www.lambiek.net/artists/h/index.htm>. Acesso em: 17 de setembro de 2009.